

'Pajé' branca dá chá contra o alcoolismo

Documentação

SOCIOAMBIENTAL JB (Brasil)

Fonte

Data 4/11/2001 Pg 4

Class. 155

Bebida é a mesma do Santo Daime

ABNOR GONDIM

BRASÍLIA – Desde que conheceu, há onze anos, os principais pajés do Parque Nacional do Xingu (MT), a analista do Senado Liege Lemos de Sousa, 43 anos, deu uma virada na vida de funcionária pública concursada e atriz de teatro e cinema. Assustou a família, os chefes e os amigos ao introduzir colares indígenas no visual cotidiano. Nos braços, tatuagens tribais feitas com corante de jenipapo, muito usado entre os índios. Admiradora das orações, cânticos e rituais usados pelos índios para curar doenças, tornou-se uma espécie de pajé branca, com olhos verdes. Descendente de italianos e índios guarani, ela é hoje praticante do xamanismo, um movimento espiritual cujos adeptos em vários pontos do planeta cultuam as forças da natureza, como faziam os curandeiros pré-colombianos.

Nas pajelanças, em uma chácara montada a 40 km de Brasília, Liege adotou o uso do chá de uma planta da Amazônia, a ayahuasca, para curar índios e brancos do alcoolismo. Trata-se de uma substância polêmica à qual são atribuídos supostos efeitos alucinógenos, mas cujo uso é permitido pelo governo. "O chá não leva à alucinação", defende. "O que ele faz é abrir nosso estado de consciência", complementa. "O governo só não permite o uso por crianças", atesta o chefe da Divisão de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal, Getúlio Cruz.

"Passei a beber menos (bebidas alcoólicas) depois que tomei o chá", jura o índio Antônio Pohkooc Krahô, 21 anos. Há quase um ano, ele começou a morar com Liege na chácara Aldeia da Terra, um centro de culto ao chamanismo, onde o chá de ayahuasca é servido para ajudar os convidados a se livrar dos males. "Na verdade, quando tomei pela primeira vez, vomitei muito e fui várias vezes ao banheiro", relata o índio, adotado pela pajé com a mulher, Ilda Hôpekwji, 18 anos, e três filhos – um com menos de um mês. Como o apoio de Liege, Antonio cursa a 7ª série do ensino fundamental numa escola pública.

Discriminação – Quase toda semana índios de diferentes etnias aportam na Aldeia da Terra para procurar a cura dos males ou apenas o abrigo de uma amiga. "As pessoas não gostam de índio, e eu passei a ser discriminada", admite a analista. "Ela é uma amiga que nos recebe com amor", afirma

Paulo Terena, outro visitante da Aldeia da Terra. Para o técnico indigenista Fernando Schiavinni, da Fundação Nacional do Índio (Funai), Liege é uma das principais colaboradoras não-índias engajadas na recuperação dos krahôs, uma comunidade de 2.000 índios que vivem perto da rodovia Belém-Brasília. "Liege está ajudando os índios a recuperar a auto-estima", diz ele.

O chá é largamente usado em rituais pelos índios caxinuas (AC) e foi assimilado por grupos religiosos, como a União do Vegetal e o Santo Daime. O produto está sendo difundido até no exterior. Um estudo da Escola Paulista de Medicina, da Universidade de São Paulo, e da Universidade da Califórnia (EUA) desmistificou os efeitos psicotrópicos da planta. O chá, atesta a pesquisa, é tão inofensivo, do ponto de vista toxicológico, quanto a água e é bem próximo ao suco de maracujá.

Na Aldeia da Terra, Liege se transformou a tal ponto que mudou de nome. No Setor de Taquigrafia do Senado, ela passou a ser chamada pelo apelido indígena, Inuká, que significa "mulher de Deus". Pelas contas dela, cerca de 50 índios já experimentaram a recuperação contra o alcoolismo tomando o chá. Ao todo, calcula que mil índios visitaram a chácara desde que foi aberta em 1996. Com uma oca e casas com inspiração indígena, a chácara passou a constar há um mês no roteiro turístico do Distrito Federal.

Terras – Até o fim deste ano, o local vai se tornar uma verdadeira filial de duas tribos. Inuká vai doar 20% das terras, o tamanho equivalente a 30 campos de futebol, para abrigar famílias das tribos Krahô e Kamaiurá (MT). Ela defende que o índio tem de estudar para aumentar a auto-estima. "Quando chegam aqui, dizem que são miseráveis, mas eu mostro que há muito branco alcoólatra e vivendo em condições muito piores", diz.

A trajetória da neoindigenista começou pela arte de representar. Funcionária do Senado desde 1982, Inuká fez curso na escola de teatro Dulcina de Moraes, em Brasília, e especializações na Universidade de Brasília e Universidade de São Paulo. Um dos filmes que estrelou foi *Césio 137*, sobre o incidente radioativo ocorrido nos anos 80 em Goiás, seu estado natal. Em 1990, ela conheceu pajés do Xingu durante uma peça de teatro. Acabou tornando-se um deles.

Fotos de Fernando Bizerra Jr.



Liege, funcionária pública concursada, transformou sua chácara, a Aldeia da Terra, a 40 km de Brasília, em uma espécie de centro de tratamento contra o alcoolismo para os índios da região

4



Documentação